

O NORDESTE ALÉM DA SECA: UMA PERSPECTIVA ESCOLAR

Patrícia Luana Araújo dos Santos¹
Raquel Karolyne Moreira de Souza²
Joana d'Arc Araújo Ferreira³

INTRODUÇÃO

Vista apenas como a região pobre do território brasileiro, O Nordeste sofre ao longo dos anos inúmeras críticas e preconceitos com o clima, vegetação e economia, cultura, isso advém de todo o processo histórico da formação dessa região, a começar da ocupação dos portugueses na colônia com o intuito de explorar e esgotar seus recursos.

Sendo a primeira área a ser ocupada, durante séculos o Nordeste foi a principal região econômica do país. Com o passar dos anos, aspectos físicos, como o clima, que provoca secas prolongadas em algumas áreas da região, vêm sendo muito explorados por meios de comunicação, músicas, literaturas, contudo, várias vezes, as imagens divulgadas de uma área que sofre com a estiagem passam a ser demasiadas e causam muitas vezes mitos ou ideias equivocadas sobre o Nordeste.

As ideias que são difundidas passam a fazer parte de como as pessoas enxergam essa região, todavia, esse pensamento não faz parte apenas do conhecimento de quem mora em outras regiões, ele predomina até mesmo dentro do seu próprio território, da criança ao idoso, a imagem de um lugar seco e pobre se sobrepõe a realidade de que o Nordeste não é apenas seco e que nem toda a região sofre com esse problema.

Com isso, buscar-se trabalhar com os alunos a maneira como eles entendem a região que eles moram e levá-los a entenderem que o Nordeste é bem mais do que é transmitido pelos meios de comunicação.

Os dados do estudo realizados com os alunos revelaram que os mesmo tinham um conhecimento equivocado sobre sua região. A importância desse trabalho consiste na busca de fazer com que a começar dos nossos alunos tenham uma visão mais ampla de tudo o que envolve o Nordeste.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica com base em obras que abordam sobre o Nordeste também foi analisado o conhecimento de alunos sobre a região nordestina. O trabalho foi realizado com a turma de 7º ano, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Judith Barbosa de Paula Rêgo, no município de Queimadas/PB.

A pesquisa contou primeiramente com redações escritas pelos estudantes sobre qual o significado do Nordeste para eles, a turma também foi dividida em grupos e foram realizados

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - PB, patricialuanna@outlook.com

² Graduando do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - PB, raquel.moreira.3107@gmail.com

³ Professor orientador: Professora doutora do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - PB, joanaarcn@yahoo.com.br

seminários para apresentação sobre a região, nos quais os temas discutidos foram os aspectos físicos, econômicos, naturais e culturais.

Os alunos, ainda, registraram fotograficamente paisagens que representasse bem o Nordeste na cidade que eles moram. Para o encerramento do projeto, foi feita uma confraternização com comidas típicas nordestinas e uma roda de diálogo sobre com o que os alunos passaram a entender sobre o Nordeste.

DESENVOLVIMENTO

A ideia de um Nordeste seco e pobre sempre foi difundida entre mídia, literatura, músicas e outros meios de comunicação. A televisão, internet estão cheias de notícias que tratam sobre a seca no Nordeste, que expõem um cenário de miséria e lástima, como podemos observar na reportagem do Profissão Repórter, programa da emissora Nacional, Globo, publicado no site G1, no ano de 2017,

Desde 2012, os estados do nordeste brasileiro vivem o que já é considerada a pior seca dos últimos cem anos. O período de estiagem afeta a vida de 23 milhões de pessoas que vivem no semiárido nordestino. São 600 mil animais perdidos só em Pernambuco e mais de 600 cidades em estado de emergência por causa da falta de água. (PROFISSÃO REPORTER, 2017)

Grandes clássicos na literatura brasileira também abordam o cenário da seca na região Nordeste, obras como O Quinze da escritora Rachel de Queiroz e Os sertões de Euclides da Cunha retratam uma paisagem sem vida e de miséria, retratam as paisagens da seca,

Verde, na monotonia cinzenta da paisagem, só algum juazeiro ainda escapo à devastação da rama; mas em geral as pobres árvores apareciam lamentáveis, mostrando os cotos dos galhos como membros amputados e a casca toda raspada em grandes zonas brancas. (QUEIROZ, 2008. p. 17-18)

Despontam vivendas pobres; algumas desertas pela retirada dos vaqueiros que a seca espavoriu; em ruínas, outras, agravando todas no aspecto paupérrimo o traço melancólico das paisagens... (CUNHA, 1984 p. 08)

Voltam os dias torturantes; a atmosfera asfixiadora; o empedramento do solo; a nudez da flora; e nas ocasiões em que estios se os ligam sem a intermitência das chuvas — o espasmo assombrador da seca. (CUNHA, 1984 p. 25)

E ainda, sucessos da música brasileira do mesmo modo transmitem um aspecto de desolação ocasionado pela seca, disseminando, muitas vezes, uma ideia de que os motivos do grande fluxo de migrações que ocorriam e ocorrem nessa região advém dos episódios de seca que afetam a área, podemos observar esse contexto retratado no sucesso Asa Branca, do grande compositor Luiz Gonzaga,

Quando olhei a terra ardendo; Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai; Por que tamanha judiação
Eu perguntei a Deus do céu, ai; Por que tamanha judiação
Que braseiro, que fornalha, Nem um pé de plantação
Por falta d'água perdi meu gado, Morreu de sede meu alazão
Até mesmo a asa branca; Bateu asas do sertão
Entonce eu disse, adeus Rosinha; Guarda contigo meu coração (GONZAGA, 1947)

Não se pode excluir o fato de que migrações ocorreram por esse motivo, contudo, a ideia que encontramos na música Asa Branca, de que as migrações ocorrem devidos as secas, não é uma regra, com isso VESENTINI E VLACH (2018), em seu livro didático de ensino fundamental de Geografia, Teláris, afirma que,

Muitas pessoas atribuem a saída de nordestinos para outras regiões do Brasil ao problema da seca. Mas, na realidade, essa nunca foi a principal causa da saída da população dessa região. Pesquisas realizadas com pessoas que migraram dos estados do Nordeste para morar no Centro-Sul do país revelaram que a maioria delas vieram da Zona da Mata, área litorânea onde não ocorrem secas. (VESENTINI E VLACH, 2018. p. 203)

Com isso podemos observar que muito das ideias disseminadas sobre a Região Nordeste são equivocadas e transmitem uma imagem que não a favorece, gerando um estereótipo de um ambiente apenas seco e que sofre com êxodo da sua população devido a esses problemas, entretanto, faz-se necessário buscar desfazer esse entendimento, TEXEIRA, et al (2009) ressalta que,

A tradicional visão assistencialista, marcada fortemente pelas secas, contrasta com a formação de novas áreas modernas e dinâmicas que foram se desenvolvendo ao longo do processo de desconcentração espacial da atividade econômica do país[...]. (TEXEIRA, et al 2009 p. 11)

Sendo assim, o entendimento equivocado sobre a pobreza ocasionada pela seca existente no Nordeste passa a ser desfeito, quando começasse a compreender todo o contexto que cerca a história dessa região, ao entender esses processos, é possível observar o quanto essa região tem se desenvolvido e crescido, deste modo, desfazendo as ideias outrora difundidas, CARVALHO (2009) aponta como o desenvolvimento passa a reverter o quadro que foi desenhado sobre essa área, ele afirma,

No entanto, a nova etapa de desenvolvimento da região parece trazer elementos para a construção do caminho da reversão do quadro desenhado pela economista Tânia Bacelar de Araújo, em 1992, quando, de forma sintética, apontava os traços, construídos ao longo de décadas, pelos quais o Nordeste era identificado como “região-problema”: “Nordeste da seca e da miséria, dos homens-gabirus [...]. Nordeste, berço das “hostes errantes”, dos emigrantes que “incham” as cidades do Sul e Sudeste ou “vagam” pelas fronteiras da expansão agrícola ou dos garimpos do Centro-Oeste e do Norte” (ARAÚJO, 1992). Quinze anos depois dessa emblemática descrição, a pesquisa “A migração no Brasil no começo do século XXI: continuidades e novidades trazidas pela PNAD 2004” (CUNHA, 2007) revelou um dado histórico diferente: mais nordestinos estão voltando para a sua região de origem do que partindo para São Paulo, o principal destino dos migrantes do Nordeste nas últimas décadas. É um fenômeno conhecido como “migração de retorno”. (CARVALHO, 2009. p. 17)

Com isso, podemos analisar que ao longo dos anos o Nordeste passou ascender economicamente, não se trata mais de uma região de onde saíam inúmera parte da população para ocupar as regiões Sul e Sudeste, mas como observamos na afirmação de CARVALHO (2009), nos últimos anos vem ocorrendo a migração de retorno, ou seja, nordestinos estão voltando ao seu ponto de origem, voltado a sua terra, ao seu Nordeste, levando-nos a considerar que de fato, as migrações não ocorrem apenas por motivos de seca, como muito é atribuído.

Conforme VESENTINI E VLACH (2018), “Constituída por algumas metrópoles, e áreas modernas, [...], por uma música rica, danças variadas e belas paisagens, o Nordeste brasileiro cresce [...]”, o Nordeste é mais que a seca que tanto é noticiada, o Nordeste é tradição, é uma grande cultura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com as atividades desenvolvidas foi possível perceber que os alunos mesmo morando no Nordeste tem uma ideia equivocada da região que moram, visto que a serem questionados no início do projeto sobre o que seria o Nordeste em suas concepções, mesmo dizendo que o “Nordeste é um lugar bom”, os mesmos sempre falavam de um lugar seco, o que fazia as pessoas migrarem para outras regiões. Um dos alunos afirmou em sua redação “O Nordeste é um lugar muito legal, mas por causa da seca muitas pessoas *teve* que migrar para outro lugar *em* procura de trabalho e melhor condição de vida.”

Desta forma, o projeto foi desenvolvido com o interesse de esclarecer aos alunos que essa região, não é apenas seca como eles imaginavam, não é apenas falta de empregos ou pobreza, mas é uma região em desenvolvimento econômico, além de sua riqueza natural e cultural.

No decorrer das apresentações e discursões, os estudantes foram percebendo as diferenças entre o que muitas vezes é transmitido por meios de comunicação e a realidade. Ao final do desenvolvimento do projeto, ao serem questionados sobre de que maneira eles passaram a entender o Nordeste, um dos alunos afirmou;

O Nordeste é um lugar rico, de cultura, de paisagens naturais, não é apenas seca, isso tem também, mas não é no Nordeste todo. E a economia dele [Nordeste] vem crescendo, o que faz com que as pessoas que antes iam embora por falta de emprego voltem. (ALUNO 1)

Outro aluno que em sua redação havia citado a seca, afirmou ao ser indagado se sua concepção ainda era a mesma que tinha escrito no início do projeto,

Eu percebi que o Nordeste não é todo seco, tem as partes, como a Zona da Mata, que chove sempre e que nem todo mundo que vai embora, vai por causa de que não chove. Eu aprendi também que o Nordeste não é pobre e que ele tem lugares muito bonitos e uma cultura rica, nós *tem* o São João, vaquejada e outras coisas que são muito boas e faz as pessoas vir aqui [Nordeste]. (ALUNO 2)

Foi possível observar que o conhecimento sobre o Nordeste foi ampliado e que o pensamento de um lugar pobre e seco, aos poucos fora desfeito, o sentimento de pertencimento foi aguçado. Os alunos passaram a não mais enxergar o Nordeste como sinônimo de pobreza ou de seca, mas como um lugar, que mesmo enfrentando o desfavorecimento desde o início da história, até os dias atuais, se sobressai, é uma das regiões mais ricas em cultura, com as melhores praias, uma agricultura de ponta e que continua a crescer economicamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, podemos perceber que se fez necessário desmistificar com os alunos a ideia outrora propagada de uma Região Nordeste apenas seca. Com isso, objetivou-se trabalhar em sala de aula aspectos que favorecem essa área, levando os alunos a conhecerem sua região além somente do seu aspecto seco, expondo as outras sub-regiões que não sofrem com problemas de estiagem, para que eles possam conhecer uma região moderna, com paisagens paradisíacas, com uma economia que está a crescer, e além de toda sua riqueza natural, um lugar com uma grande riqueza cultural.

O trabalho realizado no decorrer das aulas foi de fundamental importância para que uma nova concepção de Nordeste passasse a fazer parte do conhecimento do alunato e assim termos nordestinos com maior entendimento e valorização de sua região. Passando a conhecer, deste modo, uma região que para além de todas os seus problemas é simbolo de resistência, parafraseando Euclides da Cunha, o Nordeste é, antes de tudo, um forte.

Palavras-chave: Nordeste; Seca, Perspectiva Escolar, Geografia.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Cícero Pérciles de Oliveira. **Nordeste: sinais de um novo padrão de crescimento (2000/2008)**. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/repd/article/view/94/81>>. Acesso em: 14/09/2019.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984. (Biblioteca do Estudante) Disponível em: <<http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf>>. Acesso em: 14/09/2019.

PROFISSÃO REPÓRTER. **Nordeste brasileiro vive a pior seca dos últimos cem anos. 2017**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2017/05/nordeste-brasileiro-vive-pior-seca-dos-ultimos-cem-anos.html>>. Acesso em 14/09/2019.

GONZAGA, Luiz. **Musica Asa Branca**. 1947. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/>>. Acesso em: 15/09/2019

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 85ª ed. Rio de Janeiro. José Olympio, 2008.

TEXEIRA, Maria Do Socorro Gondim; PEQUENO, Rosangela Dos Santos Alves; DANTAS, Jefferson Teixeira. **O Nordeste Brasileiro: um espaço em retalhos**. VII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, 2009. Disponível em: <<http://aplicativos.fipe.org.br/enaber/pdf/56.pdf>>. Acesso em 15/09/2019

VESENTINI, J. Willian; VLACH, Vânia. **Teláris geografia, 7º ano: ensino fundamental, anos finais.** 3º Ed. São Paulo: Ática, 2018.